

UM CONTO DA SÉRIE BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

DIVERGENTE

QUATRO MEDOS

TOBIAS CONTA A CENA
DO ARREMESSO DE FACA

ROCCO LIMA

VERONICA ROTH



DIVERGENTE

QUATRO
MEDOS

TOBIAS CONTA A CENA
DO ARREMESSO DE FACA

ROCCO

VERONICA ROTH

SUMÁRIO

Introdução

Quatro medos: Tobias conta a cena do arremesso de faca de *Divergente*

Divergente: Capítulo 1

Insurgente: Capítulo 1

Créditos

A Autora

INTRODUÇÃO

COMO PARTE DA campanha preliminar da publicação de *Insurgente*, concordei em recontar uma cena de *Divergente*, sob um ponto de vista diferente: o de Quatro. Parte do que torna Quatro um personagem interessante, para mim, é esse muro que ele constrói entre si e as outras pessoas. Escrever sob a perspectiva dele significou ter que derrubar esse muro, para ver o que realmente havia por trás dele, e pensei que seria difícil fazer isto. O estranho é que não foi. Acho que passei muito mais tempo dentro da cabeça de Quatro do que imaginava, embora estivesse sempre escrevendo sob a perspectiva de Tris. Eu sabia, mais ou menos, como ele soava e o que ele pensava a respeito das coisas. (É claro que, mesmo assim, tive muito trabalho, mas não fiquei *travada*, como imaginei que ficaria.)

O maior desafio, na realidade, foi escolher a cena certa, que pudesse oferecer os aspectos mais interessantes do personagem e das suas relações. Queria realmente escolher algo que mudasse a nossa (digo “nossa” porque a minha também mudou) percepção sobre a história e revelasse as limitações da perspectiva de Tris, embora ela seja uma narradora confiável e observadora. Revisei o livro inteiro, usando post-its e procurando as melhores opções, e fiquei em dúvida entre duas durante metade de um dia, antes de finalmente escolher uma. Isso foi realmente proveitoso para mim, porque me ofereceu uma compreensão mais aprofundada sobre o personagem do Quatro e sobre o que ele estava passando enquanto Tris enfrentava a iniciação. Tenho certeza de que algumas partes dessa cena irão surpreender, porque certamente me surpreenderam.

DIVERGENTE

QUATRO MEDOS: TOBIAS CONTA A CENA DO ARREMESSO DE FACA

EU NÃO TERIA me voluntariado para treinar os iniciandos se não fosse pelo cheiro da sala de treinamento; o cheiro de poeira, suor e metal afiado. Este foi o primeiro lugar onde me senti forte. Sempre que respiro este ar, sinto isso outra vez.

Em um dos cantos da sala, repousa uma tábua com um alvo pintado nela. Encostada em uma das paredes, há uma mesa coberta de facas de lançar: instrumentos feios de metal, com um buraco em uma das pontas, perfeitos

para os inexperientes iniciandos. Organizados em uma fileira, de frente para mim, estão os transferidos, que ainda carregam, de uma maneira ou de outra, as marcas de suas antigas facções: a Franqueza, com sua postura ereta, a Erudição, com seu olhar firme, e a Careta, apoiada nas pontas do pé, pronta para movimentar-se.

– Amanhã será o último dia do primeiro estágio – diz Eric. Ele não olha para mim. Feri seu orgulho ontem, e não apenas durante o jogo de caça-bandeira. Max procurou-me no café da manhã para perguntar como os iniciandos estavam se saindo, como se Eric não fosse o encarregado disso. Eric estava sentado na mesa ao lado da minha, emburrado, comendo seu muffin de trigo. – Vocês vão lutar novamente – continua Eric. – Mas, hoje, aprenderão a mirar. Todos devem pegar três facas. E devem prestar atenção enquanto Quatro demonstra a técnica correta para

lançá-las.

Seus olhos param em algum lugar acima dos meus, como se ele fosse superior a mim. Eu ajeito o corpo. Odeio quando ele me trata como seu lacaios, como se eu não tivesse quebrado um dos seus dentes durante a nossa iniciação.

– Agora!

Todos correm para pegar as adagas, como crianças sem-facção atrás de uma fatia de pão, desesperados demais. Todos menos ela, com seus movimentos calculados, sua cabeça loira passando entre os ombros dos iniciandos mais altos. Ela não tenta parecer confortável com as navalhas equilibradas nas palmas das mãos, e é disso que gosto nela, o fato de saber que essas armas não são algo natural, mas mesmo assim encontrar uma maneira de segurá-las.

Eric caminha em minha direção, e eu recuo instintivamente. Tento não ter medo dele, mas sei o quanto é esperto e sei que, se eu não for

cuidadoso, ele perceberá como olho para ela, e isso será o meu fim. Encaro o meu alvo com uma faca na mão direita.

Solicitei a retirada do lançamento de facas do currículo de treinamento este ano. É uma atividade que não serve para nada, a não ser para alimentar a bravata da Audácia. Ninguém aqui jamais usará isso a não ser para impressionar alguém, como eu estou prestes a fazer agora. Eric diria que deslumbrar as pessoas pode ser algo útil e por isso negou o meu pedido, mas isso é o que mais odeio na Audácia.

Seguro a faca pela lâmina para equilibrá-la perfeitamente. Meu instrutor de iniciação, Amah, percebeu que eu tenho uma mente ativa, então me ensinou a sincronizar meus movimentos e minha respiração. Inspiro e encaro o centro do alvo. Depois, solto o ar e lanço a faca. Ela atinge o alvo. Ouço alguns dos iniciandos inspirando profundamente ao

mesmo tempo.

Encontro um ritmo na minha ação: inspiro e passo a próxima faca para a mão direita, exalo e giro-a com as pontas dos dedos, inspiro e encaro o alvo, exalo e lanço. Tudo fica escuro ao redor do centro da tábua. As outras facções nos chamam de brutos, como se não usássemos as nossas mentes, mas é exatamente isso que estou fazendo agora.

A voz de Eric me acorda do torpor.

– Formem uma fileira!

Deixo as facas cravadas na tábua para lembrar os iniciandos do que podem fazer e me apoio na parede lateral. Amah também foi quem deu meu nome, no tempo em que a primeira coisa que os iniciandos faziam ao chegar no complexo da Audácia era passar pelas paisagens do medo. Ele era o tipo de pessoa que sabia fazer um apelido vingar. Era tão simpático que todos queriam imitá-lo.

Hoje ele está morto, mas, às vezes, quando

estou nesta sala, ainda consigo ouvi-lo me repreendendo por prender a respiração.

Ela não prende a respiração. Isso é bom; um hábito ruim a menos para desfazer. Mas seu braço é estabanado, desajeitado como uma perna de galinha.

As facas estão sendo lançadas, mas, na maioria dos casos, não estão girando. Nem Edward está acertando, embora ele geralmente seja quem aprende mais rápido, com os olhos repletos da sede de aprendizado típica da Erudição.

– Acho que a Careta levou pancadas demais na cabeça! – diz Peter. – Ei, Careta! Você lembra o que é uma *faca*?

Não sou de odiar as pessoas, mas odeio Peter. Odeio a maneira como ele tenta diminuir as pessoas, igual a Eric.

Tris não responde, apenas pega uma faca e a lança, ainda com o braço desajeitado, mas dá certo. Ouço o som de metal chocando-se

contra a tábua e sorrio.

– Ei, Peter – diz Tris. – Você lembra o que é um *alvo*?

Observo os dois, tentando não encarar Eric enquanto ele caminha como um animal enjaulado atrás deles. Preciso admitir que Christina é boa, embora eu não goste de dar crédito aos falastrões da Franqueza, assim como Peter, embora eu também não goste de dar crédito a futuros psicopatas. Al, no entanto, é só uma marreta ambulante e falante, com muita força e nenhuma astúcia.

Infelizmente, Eric também percebe isso.

– Por que você é tão devagar, Franqueza? Precisa de óculos? Quer que eu traga o alvo mais para perto? – diz ele com a voz travada.

Al, a Marreta, é impressionantemente delicado por dentro. A provocação o fere. Quando ele lança outra faca, atinge a parede.

– O que foi isso, iniciando? – pergunta Eric.

– Ela... ela escorregou da minha mão.

– Bem, então eu acho que você deveria ir buscá-la.

Os iniciandos param de lançar suas facas.

– Eu falei para vocês pararem? – diz Eric, erguendo suas sobrancelhas furadas.

Isso não é bom.

– Ir buscá-la? – gagueja Al. – Mas as outras pessoas ainda estão jogando.

– E?

– E eu não quero ser atingido.

– Acho que você pode confiar que seus colegas iniciandos terão uma mira melhor que a sua. Vá pegar a faca.

– Não.

A Marreta ataca novamente, eu penso. A resposta foi obstinada, mas nada estratégica. Mesmo assim, dizer não a Eric exige de Al mais coragem do que o ato de forçá-lo a levar uma facada na nuca exige de Eric, e isso é algo que Eric nunca vai compreender.

– Por que não? Você está com medo?

– De ser atingido por uma faca voadora? – diz Al. – Sim, estou!

Meu corpo pesa quando ouço Eric erguer a voz.

– Parem todos!

Quando conheci Eric, ele usava roupas azuis e seu cabelo era partido ao meio. Tremia ao se aproximar de Amah para receber a injeção de soro da paisagem do medo. Durante sua simulação, ele não moveu um dedo sequer; apenas ficou parado, gritando com os dentes cerrados, mas acabou conseguindo controlar seu batimento cardíaco através da respiração e reduzi-lo a um nível aceitável. Eu não sabia que era possível vencer o medo em seu corpo antes de vencê-lo em sua mente. Foi aí que percebi que deveria ter cuidado com ele.

– Saiam do ringue – diz Eric. Depois se volta para Al. – Todos menos você. Fique em pé diante do alvo.

Al, engolindo em seco, se arrasta até o alvo. Eu me afasto da parede. Sei o que Eric vai fazer. E sei que o resultado provavelmente será um olho furado ou uma garganta rasgada; sei que o resultado será o horror, como em todas as lutas que já testemunhei, cada uma delas me afastando mais e mais da facção que escolhi como refúgio.

Sem olhar para mim, Eric diz:

– Ei, Quatro. Você pode me dar uma força aqui?

De certa forma, sinto-me aliviado. Pelo menos, sei que, se eu atirar as facas, e não o Eric, há menos chances de Al se machucar. Mas também não posso ser tão cruel assim e não posso fazer o trabalho sujo do Eric.

Tento agir com naturalidade, coçando a sobancelha com a ponta de uma das facas, mas não me sinto natural. Eu me sinto como se alguém estivesse me empurrando para dentro de um molde no qual o meu corpo não

encaixa, forçando-me a assumir uma forma que não é minha.

– Você vai ficar parado aí enquanto ele lança estas facas, até aprender a não se esquivar – exige Eric.

Sinto um peso no peito. Quero salvar Al, porém quanto mais eu desafiar Eric, mais ele se empenhará em me reduzir ao meu lugar. Decido fingir que estou entediado com a situação.

– Isso é realmente necessário?

– A autoridade aqui é minha, lembra? – diz Eric. – Aqui e em qualquer outro lugar.

Sinto o sangue subindo para o meu rosto enquanto o encaro, e ele me encara de volta. Max me convidou para ser líder da facção e eu deveria ter aceitado; teria aceitado se soubesse que poderia evitar situações como esta, situações nas quais iniciandos são pendurados de abismos ou forçados a espancar uns aos outros impiedosamente.

Percebo que estou apertando as facas com tanta força que os cabos deixaram marcas nas palmas das minhas mãos. Preciso fazer o que o Eric mandou. A única outra opção que tenho é deixar a sala, e, se eu fizer isso, será Eric a lançar as facas, e não posso permitir isso. Olho para Al.

E então ela fala, cuidadosa, e eu sei que é ela porque sua voz é grave para uma menina:

– Pare!

Não quero que Eric volte a atenção para ela. Encaro-a, tentando fazê-la pensar duas vezes. Mas sei que isso não vai acontecer. Não sou idiota.

– Qualquer panaca pode ficar em pé diante de um alvo – diz Tris. – Isso não prova nada, apenas que você está nos intimidando. E, se lembro bem, intimidação é um sinal de *covardia*.

Brutos da Audácia, valentões, crianças do Nível Inferior: é isso que somos sob as

tatuagens, os piercings e as roupas escuras.

Talvez eu seja idiota. Preciso parar de pensar nela assim.

– Então seria fácil para você – diz Eric, ajeitando o cabelo para trás e o prendendo atrás de sua orelha. – Se você estiver disposta a tomar o lugar dele, é claro.

E então seus olhos encaram os meus por um rápido instante. É como se ele soubesse, *soubesse* que sinto algo por Tris, e por isso vai me forçar a lançar facas contra ela. Por um instante, ou mais do que um instante, penso em lançar uma faca contra Eric. Eu poderia acertar seu braço, ou sua perna, sem causar maiores danos...

– Lá se vai sua carinha bonita – diz Peter do outro lado da sala. – Não, espera aí, sua cara nunca foi bonita.

Eu quase não ouço o comentário. Estou ocupado demais a observando.

Ela está em pé, com as costas voltadas para

a tábua. O topo da sua cabeça está um pouco abaixo do centro do alvo. Ela ergue o queixo e me olha com aquela teimosia da Abnegação que eu conheço tão bem. Ela pode tê-los abandonado, mas são eles que a estão mantendo forte agora.

Não posso dizer a ela que tudo ficará bem, não com Eric aqui, mas posso tentar torná-la forte.

– Se você se esquivar, Al toma o seu lugar novamente. Entendeu? – digo.

Eric está um pouco perto demais, batendo com o pé no chão. Não posso lançar a faca na beirada do alvo, porque ele sabe que sou capaz de acertar o centro. Mas se eu errar o lançamento, mesmo que por um centímetro em qualquer direção, poderia machucá-la. *Lá se vai a sua carinha bonita.*

Mas Peter tem razão, ela não é *bonita*. Essa palavra não basta. Ela não é como as outras garotas para as quais eu costumava

olhar, com seus ângulos, suas curvas e sua maciez. Ela é pequena, mas é forte, e seus olhos brilhantes clamam por atenção. Olhar para ela é como acordar.

Lanço a faca, mantendo meus olhos nos dela. A faca finca na tábua, perto da sua bochecha. Minhas mãos tremem, aliviadas. Seus olhos fecham-se, e por isso eu sei que preciso lembrá-la mais uma vez do seu altruísmo.

– E aí, Careta, já está pronta para sair daí?
– pergunto.

Careta. É por isso que você é forte, entendeu?

Ela parece estar com raiva.

– Não.

Por que ela entenderia? Por Deus, ela não tem o poder de ler mentes.

– Abra os olhos, então – digo, apontando para a pele entre as minhas sobrancelhas. Não preciso realmente que ela encare os meus

olhos, mas me sinto melhor quando ela o faz. Respiro o ar com cheiro de poeira, suor e metal e passo a faca da mão esquerda para a direita. Eric se aproxima.

Minha visão da sala se fecha ao redor do local onde o cabelo dela é repartido, e lanço a faca enquanto solto o ar.

Ouçõ Eric atrás de mim.

– Humm. – É tudo o que ele diz.

– Vamos lá, Careta – digo. – Deixe que outra pessoa fique aí e aguente isso.

– *Cala a boca*, Quatro! – grita ela, e eu sinto vontade de gritar que estou tão frustrado quanto ela, com um abutre da Erudição analisando cada movimento que faço, procurando os meus pontos fracos para que possa atingi-los o mais forte possível.

Ouçõ o “humm” outra vez, mas não sei se é Eric ou a minha imaginação. Só sei que preciso convencê-lo de que ela é apenas mais uma inicianda para mim. E preciso fazer isso agora.

Respiro fundo e tomo uma decisão rápida, olhando para a ponta de sua orelha, para a cartilagem de cicatrização rápida.

O medo não existe. Meu coração correndo, meu peito apertado e minhas palmas das mãos suadas não existem.

Lanço a faca e desvio o olhar enquanto ela fecha os olhos, aliviado demais para conseguir me sentir mal por tê-la machucado. Eu consegui.

– Eu adoraria ficar aqui mais um pouco para ver se todos vocês são tão corajosos quanto ela, mas acho que por hoje é só – diz Eric.

Depois, ele sussurra para mim:

– Bem, acho que isso foi o bastante para assustá-los, não foi?

Eu acho, e espero, que isso signifique que ele não suspeita mais de mim.

Ele encosta a mão no ombro dela e sorri de maneira fria.

– É melhor eu ficar de olho em você – diz ele.

Vejo o sangue escorrendo da orelha dela até o pescoço e me sinto enjoado.

A sala se esvazia, a porta se fecha, e eu espero até que os sons dos passos tenham sumido antes de ir até ela.

– A sua... – Começo a estender a mão em direção à lateral de sua cabeça.

Ela me encara.

– Você fez isso de *propósito*!

– Fiz – digo. – E você deveria me agradecer pela ajuda.

Quero falar para ela sobre Eric e sobre o quanto ele quer ferir a mim e a qualquer pessoa por quem eu tenha algum sentimento, ou sobre como eu sei de onde vem a força dela e como tentei apenas lembrá-la disso, mas ela não deixa.

– *Agradecer* a você? Você quase arrancou a minha orelha e ainda passou o tempo todo

me provocando. Por que eu deveria agradecer?

Provocando? Eu me irrita com ela.

– Sabe, já estou ficando um pouco cansado de esperar que você acorde! – digo.

– Acordar? Acordar para quê? Para o fato de que você quer provar para o Eric o quão valentão você é? Ou que você é um sádico, igual a ele?

A acusação faz com que eu me sinta frio. Será que ela realmente acha que sou como Eric? Será que ela acha que quero *impressioná-lo*?

– Não sou um sádico. – Me aproximo mais dela e, de repente, me sinto nervoso, como se algo estivesse pinicando dentro do meu peito.

– Se eu quisesse machucar você, não acha que já teria machucado?

Ela está tão perto que eu poderia tocá-la, mas, se ela pensa que sou igual a Eric, isso nunca vai acontecer.

É claro que ela pensa que sou igual a Eric.

Acabei de atirar facas contra a sua cabeça. Eu estraguei tudo. Para sempre.

Preciso sair daqui. Atravesso a sala e, logo antes de bater a porta, cravo a ponta da faca na mesa.

Ao virar o corredor, ouço seu grito de frustração e paro, agachando-me com as costas contra a parede. Antes de ela chegar aqui, tudo estava paralisado dentro de mim, e a manhã era apenas um período que antecedia a noite. Eu havia pensado em partir. Na verdade, tinha *decidido* partir e me tornar um sem-facção depois que terminasse de treinar esta turma de iniciandos. Mas então ela chegou. E ela era exatamente igual a mim, deixando de lado suas roupas cinzentas sem realmente as deixar de lado. Porque ela conhece o segredo: essas roupas são a armadura mais forte que jamais usaremos.

E agora ela me odeia, e eu não posso mais deixar a Audácia e juntar-me aos sem-facção,

como planejava fazer, porque Eric está de olho nela, como ocorreu com Amah no ano passado, logo antes de ele aparecer morto na calçada ao lado dos trilhos de trem. Todos os Divergentes acabam mortos, menos eu, por causa dos resultados falhos do meu exame de aptidão. Mas, se Eric está de olho nela, é porque ela provavelmente também é uma de nós.

Meus pensamentos retornam para a noite de ontem, para a onda de calor que passou pela minha mão e por todo o meu corpo quando a toquei, mesmo estando congelado de medo. Pressiono as mãos contra a cabeça, tentando afastar a memória.

Mas não posso ir embora agora. Gosto demais dela. Pronto, falei. Mas não falarei novamente.

DIVERGENTE

VERONICA ROTH

TRADUÇÃO
Lucas Peterson

ROCCO ITALIA

CAPÍTULO UM

HÁ UM ÚNICO espelho em minha casa. Fica atrás de um painel corrediço no corredor do andar de cima. Nossa facção permite que eu fique diante dele no segundo dia do mês, a cada três meses, no dia em que minha mãe corta meu cabelo.

Sento-me em um banco e minha mãe permanece em pé atrás de mim com a tesoura, aparando. Os fios caem no chão, formando um anel loiro e sem graça.

Ao terminar, ela afasta os cabelos do meu rosto e os amarra em um nó. Reparo em como parece calma e em como está concentrada. Ela tem muita experiência na arte de perder-se em pensamentos. Não posso dizer o mesmo de mim.

Espio minha imagem no espelho quando ela

não está prestando atenção, não por vaidade, mas por curiosidade. Um rosto pode mudar muito em três meses. No meu reflexo, vejo um rosto estreito, olhos grandes e redondos e um longo e delgado nariz. Ainda pareço uma criança, apesar de ter completado dezesseis anos em algum momento dos últimos meses. As outras facções celebram aniversários, mas nós, não. Seria um ato de autocomplacência.

– Pronto – diz ela, ao prender o nó com um grampo. Seus olhos surpreendem os meus no espelho. É tarde demais para desviar o olhar, mas em vez de me censurar ela sorri, encarando nosso reflexo. Franzo levemente as sobrancelhas. Por que ela não me repreendeu?

– Hoje é o dia, afinal – diz ela.

– Sim – respondo.

– Você está nervosa?

Por um momento, encaro meus olhos no espelho. Hoje é o dia do teste de aptidão que me mostrará a qual das cinco facções eu

pertenço. E amanhã, na Cerimônia de Escolha, escolherei uma; escolherei o caminho que vou trilhar pelo resto da minha vida; escolherei se devo ficar com minha família ou abandoná-la.

– Não – digo. – Os testes não precisam mudar nossas escolhas.

– Certo. – Ela sorri. – Vamos tomar o café da manhã.

– Obrigada. Por cortar meu cabelo.

Ela beija meu rosto e desliza o painel sobre o espelho. Acredito que minha mãe poderia ter sido linda em um mundo diferente. Seu corpo é magro sob o manto cinza. As maçãs de seu rosto são salientes e seus cílios são longos, e, quando ela solta o cabelo à noite, ele cai ondulante sobre seus ombros. Mas, como integrante da Abnegação, ela é obrigada a esconder sua beleza.

Andamos juntas até a cozinha. Nas manhãs em que meu irmão prepara o café, a mão de

meu pai acaricia meus cabelos enquanto ele lê o jornal e minha mãe cantarola ao limpar a mesa – é justamente nessas manhãs que eu me sinto mais culpada por querer deixá-los.

+ + +

O ônibus fede a fumaça. Cada vez que passa sobre um trecho irregular de asfalto, sacode-me de um lado para o outro, mesmo que eu esteja apoiada no banco para me manter parada.

Meu irmão mais velho, Caleb, está em pé no corredor, segurando a barra de metal acima de sua cabeça para manter-se firme. Não somos parecidos. Ele tem o cabelo escuro e o nariz curvado do meu pai, e os olhos verdes e covinhas nas bochechas da minha mãe. Quando era mais novo, esse conjunto de traços parecia estranho, mas agora lhe cai bem. Se não fosse um membro da Abnegação, tenho

certeza de que as meninas da escola reparariam nele.

Também herdou o talento da minha mãe para o altruísmo. Ofereceu seu assento no ônibus sem hesitar a um rabugento membro da Franqueza.

O homem veste um terno preto e uma gravata branca: o uniforme padrão da Franqueza. Sua facção valoriza a honestidade e enxerga a verdade em branco e preto. Por isso se vestem assim.

Os intervalos entre os prédios diminuem e as estradas ficam mais regulares à medida que nos aproximamos do centro da cidade. O edifício que um dia foi chamado de Sears Tower, e que hoje chamamos de Eixo, surge em meio à névoa, como uma pilastra escura no horizonte. O ônibus passa sob os trilhos elevados. Nunca entrei em um trem, embora eles nunca parem de circular e haja trilhos por toda a parte. Apenas os integrantes da

Audácia andam de trem.

Há cinco anos, pedreiros voluntários da Abnegação restauraram algumas das ruas. Começaram os consertos pelo centro e seguiram em direção aos limites da cidade, até que seus materiais se esgotaram. As ruas da região onde moro ainda são rachadas e desiguais e não é seguro dirigir por elas. Mas isso não importa, porque nós não temos carro.

A expressão de Caleb permanece tranquila enquanto o ônibus treme, balança e arranca pela estrada. Com o manto cinza dependurado em seu braço, ele segura a barra de ferro para manter o equilíbrio. Percebo pelos movimentos constantes de seus olhos que está observando as pessoas ao redor, esforçando-se para enxergar apenas elas, e não a si mesmo. A facção da Franqueza valoriza a honestidade, mas a nossa facção, a Abnegação, valoriza o altruísmo.

O ônibus para em frente à escola e eu me

levanto, espremendo-me para passar entre o integrante da Franqueza e o banco da frente. Ao tropeçar sobre os sapatos do homem, me apoio na mão de Caleb. Minhas calças são longas demais e eu nunca fui muito graciosa.

O edifício dos Níveis Superiores abriga a mais antiga das três escolas da cidade: Níveis Inferiores, Níveis Medianos e Níveis Superiores. Como todas as outras construções ao redor, ele é feito de vidro e aço. Há uma enorme escultura de metal em frente ao edifício que os integrantes da Audácia costumam escalar depois das aulas, desafiando uns aos outros a subir cada vez mais alto. No ano passado, vi uma das integrantes cair e quebrar a perna. Fui eu que corri para chamar a enfermeira.

– Testes de aptidão hoje – digo. Caleb não é nem um ano mais velho que eu, então somos da mesma série.

Ele acena com a cabeça ao atravessarmos a porta de entrada. Meus músculos contraem-se

quando entramos no prédio. Há um clima de fome no ar, como se cada aluno de dezesseis anos estivesse tentando devorar o máximo possível deste dia. É bem provável que não caminhemos mais por estes corredores depois da Cerimônia de Escolha. Quando escolhermos nossas novas facções, elas se encarregarão de nos oferecer o restante dos nossos estudos.

Nossas aulas hoje durarão metade do tempo, para que possamos assistir a todas antes do teste de aptidão, que ocorrerá depois do almoço. Meu coração já está acelerado, só de pensar.

– Você não está nem um pouco preocupado com o que ele pode revelar? – pergunto a Caleb.

Paramos na bifurcação do corredor, de onde ele seguirá em uma direção, para a aula de Matemática Avançada, e eu em outra, para a aula de História das Facções.

Ele franze sua testa ao olhar para mim.

– Você está?

Poderia dizer-lhe que tenho me preocupado há semanas a respeito do que o teste de aptidão vai me revelar: Abnegação, Franqueza, Erudição, Amizade ou Audácia?

No entanto, apenas sorrio e digo:

– Não muito.

Ele sorri de volta.

– Bem... tenha um bom dia.

Sigo para a aula de História das Facções, mordendo o lábio inferior. Ele não respondeu minha pergunta.

Os corredores são estreitos, embora a luz que entra pelas janelas crie a ilusão de espaço, e são um dos poucos lugares em que pessoas da nossa idade e de facções diferentes se misturam. Hoje, os estudantes apresentam uma energia diferente, uma sensação de último dia.

Uma menina de cabelos longos e encaracolados grita “ei!” perto do meu ouvido,

acenando para um amigo distante. Uma manga de jaqueta esbarra na minha cara. De repente, um garoto da Erudição vestindo um casaco azul me empurra. Perco o equilíbrio e bato no chão com força.

– Sai da frente, Careta – diz ele rispidamente, e segue pelo corredor.

Meu rosto esquenta. Levanto-me e me ajesto. Algumas pessoas pararam quando eu caí, mas nenhuma ofereceu ajuda. Seus olhares apenas me acompanham até o final do corredor. Esse tipo de coisa tem acontecido com outros integrantes da minha facção há meses. Os membros da Erudição têm divulgado relatórios antagônicos em relação à Abnegação, e isso tem afetado nosso relacionamento na escola. As roupas cinza, o corte de cabelo simples e o comportamento modesto da nossa facção deveriam me ajudar a esquecer de mim mesma e fazer com que as outras pessoas se esquecessem de mim

também. Mas agora eles fazem de mim um alvo.

Paro em frente a uma janela da Ala E e espero a chegada dos membros da Audácia. Faço isso todas as manhãs. Às 7h25 em ponto, eles provam sua coragem ao pular de um trem em movimento.

Meu pai chama os integrantes da Audácia de “endiabrados”. Eles têm *piercings*, tatuagens e usam roupas escuras. Sua principal função é proteger a grade que circunda nossa cidade. Proteger de quê, eu não sei.

Eles deveriam me deixar chocada. Eu deveria me perguntar o que a coragem, que é a virtude que mais valorizam, tem a ver com um anel de metal pendurado no nariz. No entanto, sigo-os com os olhos por onde quer que andem.

O apito do trem toca alto e o som ressoa em meu peito. O farol do trem pisca enquanto a composição se desloca violentamente e passa

em frente à escola, com suas rodas rangendo contra os trilhos de metal. Ao passarem os últimos vagões, uma quantidade enorme de jovens com roupas escuras se atira do trem em movimento, alguns caindo e rolando no chão, outros pisando em falso por um momento antes de recobram o equilíbrio. Um dos garotos coloca o braço em volta dos ombros de uma menina, rindo.

Assisti-los é uma atividade vã. Desvio o olhar da janela e atravesso a multidão até a sala de História das Facções.

INSURGENTE

VERONICA ROTH

TRADUÇÃO
Lucas Peterson

ROCCO ITALIA

CAPÍTULO UM

ACORDO COM O nome dele na boca.

Will.

Antes de abrir os olhos, vejo-o desabar sobre o asfalto novamente. Morto.

Pelas minhas mãos.

Tobias se agacha na minha frente, apoiando a mão sobre meu ombro esquerdo. O vagão do trem chacoalha sobre os trilhos, e Marcus, Peter e Caleb estão de pé ao lado da porta. Respiro fundo e prendo o ar, tentando aliviar parte da pressão acumulada em meu peito.

Uma hora atrás, nada do que aconteceu me parecia real. Mas agora parece.

Solto a respiração, mas a pressão continua.

– Tris, vamos – diz Tobias, encarando os meus olhos. – Precisamos pular.

Está escuro demais para ver onde estamos, mas, se vamos saltar do trem, devemos estar perto da cerca. Tobias me ajuda a levantar e me guia em direção à porta.

Os outros saltam, um de cada vez: primeiro Peter, depois Marcus e, em seguida, Caleb. Seguro a mão de Tobias. O vento aumenta quando nos aproximamos da beirada da porta do vagão, como uma mão empurrando-me para trás, para a segurança.

Mesmo assim, nos lançamos em direção à escuridão e aterrissamos com força. O impacto faz meu ombro ferido doer. Mordo o lábio para evitar gritar e procuro meu irmão.

– Você está bem? – pergunto, ao encontrá-lo sentado na grama a alguns metros de mim, esfregando o joelho.

Ele assente. Ouço-o fungar, como se estivesse tentando conter as lágrimas, e sou obrigada a desviar os olhos para não vê-lo chorar.

Aterrissamos na grama perto da cerca, a vários metros da estrada gasta pela qual viajam os caminhões da Amizade quando trazem comida para a cidade, e longe do portão que permite que eles saiam. O portão está trancado, prendendo-nos do lado de dentro. A cerca gigante barra nosso caminho, alta e flexível demais para ser escalada, e firme demais para ser derrubada.

– Deveria haver guardas da Audácia aqui – diz Marcus. – Onde eles estão?

– Provavelmente estavam sob o efeito da simulação – diz Tobias –, e agora estão...

Ele se cala por um instante.

– Sabe-se lá onde, fazendo sabe-se lá o quê.

Interrompemos a simulação. O peso do disco rígido no meu bolso de trás não me deixa esquecer. Mas não esperamos para ver o que se passou depois. O que será que aconteceu com nossos amigos, nossos companheiros, nossos líderes, nossas facções? Não há como saber.

Tobias se aproxima de uma pequena caixa de metal do lado direito do portão e a abre, revelando um teclado.

– Espero que a Erudição não tenha pensado em trocar a senha – diz ele enquanto digita uma série de números. Ele para no oitavo número e a tranca do portão abre.

– Como você sabia a senha? – pergunta Caleb. Sua voz está carregada de emoção, tanta emoção que fico surpresa por ele não se engasgar.

– Trabalhei na sala de controle da Audácia, monitorando o sistema de segurança. Só modificamos as senhas duas vezes por ano – diz Tobias.

– Sorte a nossa – diz Caleb. Ele encara Tobias de maneira cautelosa.

– Não tem nada a ver com sorte – diz Tobias. – Eu só trabalhava lá porque queria ter certeza de que conseguiria fugir um dia.

Sinto um calafrio. Ele fala em fugir como se

acreditasse que nós estamos presos. Eu nunca havia pensado dessa maneira, o que agora parece uma tolice.

Caminhamos em um grupo pequeno, com Peter apertando seu braço sangrento contra o peito, o braço no qual atirei, e Marcus com a mão no ombro dele, mantendo-o estável. Caleb enxuga as bochechas toda hora e eu sei que está chorando, mas não sei como confortá-lo, nem por que não estou chorando também.

Em vez de chorar, assumo a liderança do grupo, com Tobias andando silenciosamente ao meu lado, e, embora não esteja tocando em mim, ele me dá apoio.

+ + +

O primeiro sinal de que estamos nos aproximando da sede da Amizade são os pontinhos de luz que vemos. Depois, as luzes transformam-se em janelas acesas. Um

amontoado de construções de madeira e vidro.

Para alcançá-las, precisamos atravessar um pomar. Meus pés afundam no solo e, sobre a minha cabeça, os galhos se entrelaçam, formando uma espécie de túnel. Há frutas escuras penduradas entre as folhas, prontas para cair. O cheiro pungente e doce de maçãs apodrecendo mistura-se ao odor da terra molhada.

Ao nos aproximarmos, Marcus deixa o lado de Peter e assume a liderança do grupo.

– Sei para onde devemos ir – diz.

Ele nos guia, passando direto pelo primeiro edifício, em direção ao segundo, à esquerda. Todos os edifícios, exceto as estufas, são construídos com a mesma madeira escura, crua e áspera. Ouço risadas saindo de uma janela aberta. O contraste entre as risadas e a imobilidade fria dentro de mim é gritante.

Marcus abre uma das portas. A falta de segurança seria chocante, se não se tratasse da

sede da Amizade. Eles costumam ultrapassar o limite entre confiança e estupidez.

Nesse prédio, o único som que consigo ouvir é o ranger dos nossos sapatos contra o chão. Não ouço mais o choro de Caleb, mas ele já não estava mesmo fazendo muito barulho.

Marcus para em frente a uma sala espaçosa, onde Johanna Reyes, representante da Amizade, está sentada, olhando por uma janela. Eu a reconheço porque é difícil esquecer seu rosto, quer você o tenha visto uma ou mil vezes. Uma cicatriz se estende, em uma linha grossa, desde a parte imediatamente acima da sua sobrancelha direita até o lábio, cegando um dos olhos e fazendo com que ela ceceie ao falar. Só a ouvi falar uma vez, mas me lembro bem. Ela seria uma mulher linda, não fosse pela cicatriz.

– Graças a Deus! – exclama ela ao ver Marcus. Caminha em sua direção com os braços abertos. Mas, em vez de abraçá-lo,

apenas toca seus ombros, como se lembrasse que os membros da Abnegação não gostam de contatos físicos desnecessários.

– Os outros membros do seu grupo chegaram há algumas horas, mas não sabiam ao certo se vocês haviam sobrevivido – conta ela. Está se referindo ao grupo da Abnegação que estava com meu pai e Marcus no esconderijo. Eu havia esquecido completamente de me preocupar com eles.

Ela volta sua atenção para o grupo atrás de Marcus. Primeiro para Tobias e Caleb, depois para mim e por último para Peter.

– Nossa – diz ela, olhando fixamente para o sangue que encharca a camisa de Peter. – Vou chamar um médico. Posso permitir que vocês passem a noite aqui, mas amanhã a nossa comunidade terá que tomar uma decisão em conjunto. E... – ela olha para mim e para Tobias – ... eles provavelmente não ficarão muito felizes com a presença da Audácia em

nosso complexo. Peço, é claro, que vocês entreguem quaisquer armas que possam estar carregando.

Pergunto-me, de repente, como ela pode ter tanta certeza de que sou da Audácia. Ainda estou usando uma camisa cinza. A camisa do meu pai.

De repente, o cheiro da camisa, de sabonete e suor, sobe e preenche meu nariz, preenche todo o meu corpo com a sua presença. Cerro os punhos com tanta força que minhas unhas ferem minhas mãos. *Aqui não. Aqui não.*

Tobias entrega sua arma, mas, quando levo a mão às costas para pegar a arma que estou escondendo, ele a segura e a afasta. Em seguida, entrelaça seus dedos nos meus, para disfarçar o que fez.

Sei que é uma boa ideia manter uma das nossas armas. Mas, mesmo assim, seria um alívio entregá-la.

– Meu nome é Johanna Reyes – apresenta-

se ela, apertando a minha mão e depois a de Tobias. Um cumprimento da Audácia. Seu conhecimento dos costumes de outras facções é impressionante. Sempre me esqueço do quanto atenciosas as pessoas da Amizade são, até que as encontro.

– Este é To... – Marcus começa a dizer, mas Tobias o interrompe:

– Meu nome é Quatro – diz ele. – Estes são Tris, Caleb e Peter.

Até alguns dias atrás, entre os integrantes da Audácia, “Tobias” era um nome que apenas eu conhecia; um pedaço dele que ele havia me dado de presente. Fora da sede da Audácia, lembro-me do motivo que o levou a esconder esse nome do mundo. O nome representa uma ligação com Marcus.

– Sejam bem-vindos ao complexo da Amizade. – Os olhos de Johanna fixam-se em meu rosto, e ela dá um sorriso torto. – Por favor, permitam que nós cuidemos de vocês.

E nós permitimos. Uma enfermeira da Amizade me oferece uma pomada desenvolvida pela Erudição a fim de acelerar a cicatrização para passar no ombro, depois leva Peter à ala hospitalar para tratar do braço. Johanna nos leva até o refeitório, onde encontramos alguns dos membros da Abnegação que estavam no abrigo com Caleb e meu pai. Susan está lá, junto com alguns dos nossos antigos vizinhos, em fileiras de mesas de madeira que se estendem por todo o salão. Eles nos cumprimentam, especialmente a Marcus, com lágrimas contidas e sorrisos reprimidos.

Agarro-me ao braço de Tobias. Curvo-me sob o peso dos membros da facção dos meus pais, das suas vidas e das suas lágrimas.

Um dos membros da Abnegação coloca um copo de líquido fumegante sob meu nariz e diz:

– Beba isto. Ajudará você a dormir, assim como ajudou alguns dos outros aqui. Sem sonhos.

O líquido tem um tom vermelho rosado, da cor de morangos. Agarro o copo e bebo rapidamente. Por alguns segundos, o calor do líquido faz com que eu me sinta como se ainda houvesse algo dentro de mim. À medida que tomo as últimas gotas do copo, sinto o corpo relaxar. Alguém me guia por um corredor, até um quarto com uma cama. E isso é tudo.

Título original
FREE FOUR:
A Divergent Story

Copyright © 2012 *by* Veronica Roth

Edição brasileira publicada mediante acordo
com HarperCollins Children's Books, uma
divisão da HarperCollins Publishers

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
MILENA VARGAS

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub
MARIANA CALIL

Edição Digital: abril 2014

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R754q

Roth, Veronica

Quatro medos [recurso eletrônico] : Tobias conta a cena do arremesso de faca de Divergente / Veronica Roth ; tradução Lucas Peterson. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014.

recurso digital

Tradução de: Free four: Tobias tells the divergent story

ISBN 978-85-8122-374-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Peterson, Lucas. II. Título.

14-11001

CDD: 028.5

CDU: 087.5

A AUTORA

VERONICA ROTH é uma autora de sucesso internacional. *Divergente*, o primeiro título de sua trilogia de estreia, alcançou o primeiro lugar dos mais vendidos do *New York Times*. Atualmente, ela mora em Chicago, nos Estados Unidos, com seu marido.